

HISTÓRIA ANUNCIADA: CRÔNICAS DE CAMILLO DE JESUS LIMA, UM INTELLECTUAL “DE ESQUERDA”

HISTORIA ANUNCIADA: CRÓNICAS DE CAMILLO DE JESÚS LIMA, UN INTELLECTUAL "DE IZQUIERDA

Esmeralda Guimarães Meira

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

José Rubens Mascarenhas de Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

Resumo

Este artigo apresenta parte dos resultados de um estudo sobre Camillo de Jesus Lima (1912 - 1975), escritor de contos, críticas, romances, crônicas e poesias. Teve sete livros publicados entre 1941 e 1973, sendo vencedor do prêmio Raul de Leoni, em 1942, pela Academia Carioca de Letras, com o livro Poemas, mas grande parte de sua extensa obra em prosa e em verso permanece inédita. A escrita camilliana ocupou as páginas dos jornais em meados do século XX, quando atuou como redator, crítico de rodapé e cronista. Por algum tempo esteve engajado na luta socialista, fazendo sempre da pena uma arma de combate. Lutou contra a exploração, defendendo a liberdade e a igualdade social, tanto em sua militância política, como na sua produção literária. O propósito deste recorte é reconhecer a sua concepção crítica de mundo, uma revelação da memória histórica e de uma obra silenciada e esquecida. A análise da relação entre literatura e história que aqui realizamos fundamenta-se na dialética marxista, tomando como fonte documentos do arquivo pessoal do escritor, em especial, crônicas publicadas no jornal O Combate, nos anos 1944 e 1947. Trata-se de um convite à leitura da crítica que o autor fez da história do seu momento histórico (final da segunda guerra mundial e imediato pós-guerra) sob uma perspectiva socialista ou, como dito por ele, “de esquerda”. O artigo busca resgatar a intensa participação do intelectual Camillo de Jesus Lima no panorama literário brasileiro do século XX, voz que reverbera atual nos nossos dias, por meio de sua obra, principalmente, no concernente à relação história e literatura.

PALAVRAS-CHAVE: História. Literatura. Camillo de Jesus Lima.

RESUMEN

Este artículo presenta parte de los resultados de un estudio sobre Camillo de Jesús Lima (1912 - 1975), escritor de cuentos, críticas, romances, crónicas y poesías. Tuvo siete libros publicados entre 1941 y 1973, siendo vencedor del premio Raúl de Leoni, en 1942, por la Academia Carioca de Letras, con el libro *Poemas*, pero gran parte de su extensa obra en prosa y en verso permanece inédita. La escritura camilliana ocupó las páginas de los periódicos a mediados del siglo XX, cuando actuó como redactor, crítico de rodapié y cronista. Por algún tiempo estuvo involucrado en la lucha socialista, haciendo siempre de la pluma un arma de combate. Luchó contra la explotación, defendiendo la libertad y la igualdad social, tanto en su militancia política, como en su producción literaria. El propósito de este recorte es reconocer su concepción crítica de mundo, una revelación de la memoria histórica y de una obra silenciada y olvidada. El análisis de la relación entre literatura e historia que aquí realizamos se fundamenta en la dialéctica marxista, tomando como fuente documentos del archivo personal del escritor, en especial, crónicas publicadas en el diario *O Combate*, en los años 1944 y 1947. Se trata de una invitación a la lectura de la crítica que el autor hizo de la historia de su momento histórico (final de la segunda guerra mundial e inmediato posguerra) desde una perspectiva socialista o, según lo dicho por él, "de izquierda". El artículo busca rescatar la intensa participación del intelectual Camillo de Jesús Lima en el panorama literario brasileño del siglo XX, voz que reverbera actual en nuestros días, por medio de su obra, principalmente, en lo concerniente a la relación historia y literatura.

PALABRAS CLAVE: Historia. Literatura. Camillo de Jesus Lima.

1. Introdução

A paisagem humana do Brasil, crua na sua realidade burguesa, impiedosa e ilógica na sua desgraça proletária, deu-me a função social de intelectual de esquerda (LIMA, 1945).

A epígrafe que abre esse texto traz um depoimento de Camillo de Jesus Lima, um escritor do século XX, assumindo-se como um intelectual de esquerda. Mas antes de tudo essa

afirmativa comprova uma intrínseca relação entre história e literatura. Se as circunstâncias históricas foram mote para as digressões literárias desse escritor, não seria esta uma prerrogativa particularizada de um momento específico nem de um autor em especial.

Sabemos, por exemplo, que a literatura ocidental contou, desde seus primórdios, com a história da literatura grega, que teve suas experiências e o que a oralidade pode conservar traduzidas para a linguagem escrita no século VI a. C. Dois textos exemplares marcam o início da literatura escrita e podem representar a sua intrínseca relação com a história: os poemas épicos da *Ilíada* que contam a história da Guerra de Troia e a *Odisseia*, que narra o retorno de Ulisses para casa, depois da mesma guerra. Mas a nossa intenção não é voltar tanto no tempo nem tomar os escritos homéricos para análise. É, antes, entender de onde parte a autodefinição de Camillo de Jesus Lima quando se diz um intelectual “de esquerda”, buscando comprovar as tensões que ele estabelece entre o fazer literário e o contexto histórico de sua época.

Consideremos, primeiramente, o conceito de intelectual, partindo dos pressupostos gramscianos. Para Antonio Gramsci todos os homens são intelectuais, no entanto, ele afirma que “nem todos possuem na sociedade essa função de intelectuais” (GRAMSCI, 1972, p. 24). E o que nos parece, na declaração em epígrafe, Camillo de Jesus Lima diz assumir essa função, e é disso que nos certificaremos, ao analisar algumas crônicas desse autor, publicadas no jornal *O combate*, durante a década de 40 do século XX.

A premissa de Gramsci tem como base ontológica a condição humana: ser que se difere dos demais pela capacidade racional. Desde que o homem descobriu o trabalho, o fez não somente pela força corporal (nervo-muscular), mas também espiritual (intelectual-cerebral), na indissociabilidade do *homo faber* com o *homo sapiens*. Marx explica didaticamente essa relação quando afirma que

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade (MARX, 1975, p. 202).

O estudo desenvolvido por Gramsci (1972, p.19) vai além de saber se há intelectuais e não-intelectuais. A questão que levanta em sua pesquisa sobre a formação dos intelectuais é se eles formam “um grupo social autônomo e independente” ou se “todos os grupos sociais têm as suas próprias categorias de intelectuais especializados”, concluindo, historicamente, que existem diversas categorias de intelectuais, destacando entre elas, duas formas que considerou mais importantes, os que denominou “intelectuais orgânicos” e os “intelectuais tradicionais”.

Chamou de intelectuais tradicionais aqueles que advêm de uma estrutura a eles anterior, e que tem como objetivo dar continuidade a esta formação, independentemente das transformações sociais e políticas pelas quais passou a história, ou melhor, são aqueles que, mesmo perante as mudanças transcorridas na sociedade, mantêm as formas sociais e políticas precedentes. Destaca, entre estes, os eclesiásticos, que, por mais de um milênio (Idade Média), monopolizou a ideologia religiosa, a filosofia e as ciências da época, até o surgimento de outras categorias de intelectuais, como, por exemplo, a “aristocracia da toga”, “com os seus próprios privilégios e hierarquias de administradores, cientistas, teóricos, filósofos não-eclesiásticos” (GRAMSCI, 1972, p.22).

Se os escravos e servos eram responsáveis pelo trabalho manual, utilizando-se do esforço físico, à classe dominante (senhores e donos de terras, incluindo ainda, o clero e os aristocratas de toga) estava delegada a atividade intelectual. Mas esse modelo de divisão do trabalho ganhou nova concepção com a Revolução Industrial e o desenvolvimento da produção capitalista. Com este processo, o conceito de intelectual se amplia para atender novas e diferentes demandas produtivas. Criam-se diferentes grupos de intelectuais ligados aos campos de trabalho, conforme a exigência do mercado. Os técnicos, os especialistas vão subsidiar os grandes empresários que, por sua vez, têm o conhecimento do todo que está sob o seu comando, constituindo, portanto, o que Gramsci chamou de “intelectuais orgânicos”. Estes novos intelectuais continuam atendendo à parcela dominante da sociedade, num ritmo frenético de produção e reprodução do conhecimento.

Mas isso não significa que a categoria dos intelectuais orgânicos não se forme também na classe operária, como afirmou, em nota, Serafim Ferreira, ao traduzir o livro *A formação dos intelectuais*: “o operário institui o organizador sindical, o revolucionário profissional e também os organizadores de uma nova cultura, etc.” (apud GRAMSCI, 1972, p. 20), reforçando o que disse o filósofo sobre essa categoria:

Qualquer grupo social que surge como base original de uma função essencial no mundo da produção econômica, estabelece junto dele, organicamente, um ou mais tipos de intelectuais que lhe dão homogeneidade não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político (GRAMSCI, 1972, p. 19).

Desta forma, emerge, historicamente, a necessidade de um novo tipo de intelectual, aquele que

radica-se no fato de desenvolver criticamente a manifestação intelectual – que em todos existe, num certo grau de evolução – modificando a sua relação com o esforço muscular-nervoso num novo equilíbrio e conseguindo que este, como elemento de atividade prática geral que renova perpetuamente o mundo físico e social, se converta no fundamento de uma nova e integral concepção do mundo (GRAMSCI, 1972, p. 25).

Este princípio baliza a inserção de Camillo de Jesus Lima como um intelectual orgânico de novo tipo, aquele que desenvolveu as bases necessárias de atuação conforme as suas condições objetivas, sendo crítico de rodapé, cronista de jornais e autor de expressiva produção literária, diretamente ligada à sua *práxis* social. Como intelectual de esquerda concentrava, em sua vida prática, características necessárias para uma formação dirigente: construtor, organizador e persuasor constante, agregando em si o especialista e o político.

Abre-se aqui um parêntese a uma breve apresentação biográfica deste sujeito histórico: Camillo de Jesus Lima nasceu em Caetité, no interior da Bahia em 1912 e morreu em 1975, vítima de um acidente. herdara do pai a característica universal da autodidaxia, com ele aprendera línguas, literaturas, história, filosofia, etc. Foi poeta, cronista, romancista, crítico de rodapé, colaborando com diversos jornais baianos. Desempenhou diversas atividades, foi professor, jornalista, funcionário público, sendo secretário da prefeitura de Vitória da Conquista/BA de 1938 a 1945 e oficial de cartório de registro de imóveis em Macarani/BA de 1946 até sua morte. Tornou-se correspondente de muitos intelectuais brasileiros, a exemplo de Jorge e James Amado, com os quais militou em favor do socialismo, filiando-se ao PCB em 1946. Participou, como um dos representantes baianos, do Segundo e do Terceiro Congresso

de Escritores Brasileiros. Em maio de 1964 foi preso pela Ditadura Militar, colocado em liberdade três meses depois por insuficiência de provas.

A condição desse intelectual autodidata, não pertencendo formalmente a uma instituição que lhe desse a chancela acadêmica, não foi impedimento para sua participação como crítico e cronista em jornais da Bahia, aventando seus discursos pela área cultural, política e social, tornando-se ainda mais conhecido, devido ao alcance que o meio jornalístico possuía naquele momento. Em uma entrevista concedida à Revista Cooperação (1945) Camillo de Jesus Lima respondeu ao entrevistador sobre a sua trajetória literária e a que tendência ele estaria vinculado como intelectual:

Na cidade de Conquista, onde a tragédia humana me ensanguentou a sensibilidade, comecei a compreender que a minha arte devia ter outra finalidade. Devia esquecer o mundo das emoções subjetivas e ter uma função social. Lembrei-me então das palavras de Mathews Arnold: a poesia deve ser uma crítica da vida, e achei razão na sentença de Wordsworth: a poesia é uma atitude do espírito diante dos fenômenos da existência. Deixei de ser um místico da beleza e fiz da arte uma arma de combate. A Aliança Libertadora já me achou comunista. Eu seria comunista se não houvesse comunismo (LIMA, nov. de 1945).

O posicionamento de Camillo de Jesus Lima corresponde ao que Walter Benjamin destaca da relação entre qualidade da produção literária e a tendência. Ou seja, a que ou a quem serve o autor em suas atividades. Se o escritor está a serviço da burguesia, há que se admitir um posicionamento de manutenção de uma ordem sem questionamento crítico, uma arte literária para a mera diversão. Mas se se tratar de um escritor progressista, a sua produção estará a serviço da libertação da opressão instituída, colocando-se do lado do oprimido. E, conforme o encaminhamento dado, o conceito de tendência que Benjamin defende nessa exposição é:

A tendência de uma obra literária só pode ser correta do ponto de vista político quando for correta do ponto de vista literário. Isso significa que a tendência politicamente correta inclui uma tendência literária. Acrescento imediatamente que é essa tendência literária, e nenhuma outra, contida implícita ou explicitamente em toda tendência política *correta*, que determina a qualidade da obra (1994, p.121).

Desta forma, a questão acerca de como se situa uma obra de arte/literatura dentro das relações sociais mais gerais, se reacionária ou se revolucionária, depende da relação dialética e concreta que seus autores tenham com a sociedade e com os ideais que defende. No caso do escritor Camillo de Jesus Lima, não apenas se vale aqui de seus depoimentos em causa própria, mas da obra que circulou em jornais como resultado, como produto de suas relações sociais, uma crítica engajada às causas socialistas e uma poesia considerada revolucionária, como podemos observar nos versos de “A canção da guerrilheira”:

Prendi os meus cabelos com um lenço vermelho;
Alcei ao ombro o meu fuzil
E me pus a caminho, naquela tarde de sol
Em que disseram que eles viriam nos fazer escravos.

Minhas mãos que, antes, teciam, na fábrica, o linho mais puro,
E que tinha carícias de arminho se aflagavam a face do homem amado
Quando voltava do campo,
Não tremeram de medo ao amarrarem na minha cabeça loira o meu lenço vermelho.
Estavam nervosas apenas de ansiedade.

Eu não fiquei em casa como um traste inútil,
Enquanto, ao sol, ele semeava o trigo
Para que o pão não faltasse aos inválidos, às viúvas e aos órfãos dos proletários.

Não! Eu não quis ficar à espera do guerrilheiro
Como uma escrava inferior, enquanto ele se bate
Para que, no mundo, não haja escravo nem senhor.

Por isso é que prendi meus cabelos loiros com um lenço vermelho,
Alcei ao ombro o meu fuzil
E me pus a caminho, naquela tarde.

Que diria de mim a geração que virá
Que não conhecerá escravo nem senhores,
Se eu ficasse a espera dele, de mãos cruzadas, como uma escrava,
Enquanto o sangue redimia a terra?

(LIMA, 1955)

Observa-se que este escritor se apresentou também por meio da voz lírica feminina, representando uma coletividade, tornando-se porta-voz dos que viviam reféns de uma sociedade hegemônica burguesa e da qual a memória oficial sempre excluiu os menos favorecidos, as minorias sociais, os marginalizados, os de esquerda. Mesmo assim, muito do que desejou fazer em prol das causas sociais ficou compondo o cenário das lembranças, conforme confessara na entrevista à Revista Cooperação: “Muitas dessas lembranças povoam por ai velhos cadernos na minha gaveta, transformadas em poemas, contos e crônicas. Todas elas foram recusadas pelos jornais, naqueles tempos trágicos de 1935 a 1945” (LIMA, nov. de 1945).

Dessa leva de textos cerceados, alguns foram publicados em *O Combate*, periódico no qual expôs a sua produção crítica sobre história, arte e política, textos que ajudaram na divulgação da esquerda brasileira. Ali teve espaço também para criticar o regime político local que há muito vivia sob o comando dos coronéis, poderes transferidos posteriormente aos grandes empresários e industriais. Isso leva a crer que a repressão ao periódico era um risco que se corria conscientemente, silenciamento definitivamente consumado em maio de 1964, quando o jornal *O Combate* foi fechado pela Ditadura Militar.

2. Uma pausa para o combate

Um aspecto que requer cuidada observação na abordagem que estamos fazendo sobre a atuação do escritor Camillo de Jesus Lima como cronista de uma feição crítica é a forma como os textos veicularam em um período histórico marcado por guerras, repressões e censuras. Neste estudo, apenas para atender a uma questão metodológica, fizemos um recorte temporal, centrando o olhar na década de 40, quando a segunda grande guerra mundial estava em ritmo final e no pós-guerra; e um recorte espacial, tomando o jornal *O Combate* de Vitória da Conquista como o lugar onde a voz do escritor ecoou. Mas queremos deixar claro que a produção desse autor extrapola tais limites, dada a relevância literária, cultural e política que sua obra possui.

O Combate foi o jornal de maior permanência em Vitória da Conquista durante o século XX, veiculou de 1929 a 1964, e passou por diversas direções desde a sua fundação, resguardando sempre característica peculiar de criticidade, autodenominando-se “noticioso e independente”. Os conceitos e posicionamentos políticos de seus fundadores e redatores,

como é natural em todo processo histórico, refletiam os diferentes momentos por que passava a realidade brasileira, não indiferente à história em geral. Por isso, dizer-se independente, levanta, no mínimo, uma questão: independente de quê? O certo é que a movimentação de notícias de âmbito internacional ou mesmo nacional não estavam isentas de posicionamentos partidários, mas nem por isso o jornal fechava-se à diversidade política, acolhendo opiniões, muitas vezes adversas.

Havia um respeito recíproco entre Camillo de Jesus Lima e Laudionor Brasil, diretor proprietário do jornal. Mesmo nos momentos de divergência político-partidária entre eles, as portas do semanário nunca foram obstruídas à veiculação do pensamento socialista e à divulgação da ideologia marxista que Camillo acreditava possuir.

Com as mesmas impressões iniciais de quando chegou a Vitória da Conquista e foi acolhido pelo grupo de Laudionor em *O Combate*, Camillo de Jesus Lima volta a falar nos vinte anos de existência do periódico, um ano antes da morte de seu fundador. Em crônica intitulada “Vinte anos de O Combate”, Camillo de Jesus Lima, que fora seu redator de 1936 a 1945, faz-lhe uma homenagem. Descreve a luta e as vitórias de quem dirige um veículo de comunicação, posicionando-se sempre com um olhar crítico, como alguém que conheceu o lado difícil dessa relação “inglória” do meio jornalístico.

O cronista começa descrevendo o momento conflituoso que precedeu o nascimento do jornal, as crises por que passava o capitalismo mundial em 1929, as contradições entre o imperialismo britânico e o imperialismo ianque, questões essas que respingavam na economia do Brasil. Um período que, segundo ele, no pensar do jovem Laudionor Brasil e dos seus companheiros, poderia ser profícuo, diante do descontentamento popular instalado no Brasil. De um lado estava a política de banqueiros americanos que apoiavam Getúlio Vargas e a Aliança Liberal, e, do outro, os políticos “finórios” que se aproveitavam da crise para iludir as massas.

A descrição que Lima fez da gênese do periódico se fundamenta na confiança que viu em “dois jovens idealistas, com a ingenuidade adorável dos românticos e dos entusiastas” (referindo-se a Laudionor Brasil e a Bruno Bacelar), acreditando eles “ser aquela a hora de salvação do Brasil” (1949, p. 1). Mas o cronista não poupou as críticas ao amigo, analisa em

seu texto, de que forma um jornal como *O Combate* pode se sustentar entre burguesia e trabalhadores:

Laudionor A. Brasil – filho da classe operária, que se adaptou à média burguesia, – sentindo na sua própria carne as contradições de um sistema social em agonia, tem sabido pautar a sua norma diretiva em “O COMBATE”, no sentido de uma franca compreensão da causa popular. Si o misticismo, – que lhe vem de uma religiosidade inata, – não o permite passar de seu socialismo utópico, romântico e platônico a uma ação revolucionária científica, nunca transformou o seu semanário, – que vive e se alimenta da burguesia, – em arauto da reação ou da exploração do homem pelo homem. (LIMA,1949, p.13).

O tempo provou a firmeza das intenções de líder jornalista, diante da difícil tarefa de se manter um veículo do porte de *O Combate*, sobrevivendo às intempéries da vida, como afirmou Camillo. Mas a história pode revelar, vinte anos depois, o quanto de ilusão existia naqueles primeiros anos:

Ninguém sabe, do lado de fora, o que é a luta desigual e titânica de um homem pobre e honesto que mantém por vinte anos – uma vida – um jornal, no interior do Estado. Quanta prudência, quanta tolerância e ascetismo são precisos para tal tarefa! O que é rega-bofe e negociata para os Chatôs, é, para o jornalista honesto do sertão, uma série de amarguras e prejuízos, de horas carregadas de luta econômica e moral, dignas de um romance. (LIMA,1949, p.13).

Posteriormente à morte de Laudionor Brasil, Camillo escreve um tributo ao amigo e parceiro do “As trevas da noite estão passando”, sua primeira publicação em livro, em 1941. Manteve-se como colaborador do jornal até o período em que este fora fechado pela repressão política, durante a Ditadura Militar brasileira, em maio de 1964.

2. A História anunciada nas páginas de *O Combate*

A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tomam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.

Eric Hobsbawm, *A era dos extremos*, 1995, p.13.

O historiador Eric Hobsbawm se preocupou com a relação descontínua que os jovens do século passado [como do atual] apresentavam em relação ao passado, o que levaria a mediação mais dedicada dos historiadores – ou daqueles que primam pela história e pela memória. Sem a pretensão de tornar o discurso de Camillo de Jesus Lima em um discurso histórico, mas também, sem isentá-lo da responsabilidade informativa de uma realidade que pulsava efervescente, apresentamos algumas de suas crônicas – que cumpriram a função comunicativa a elas incumbida, naquele momento, assim como a ele, o papel de mediador dessa comunicação.

Elegemos cinco crônicas publicadas em 1944 e 1947, sendo de 1944 “Este lugar me convém” e “Conversa alegre para os amigos”; e de 1947, “Os empreiteiros da fome”, “O capital industrial e a abolição da escravidão”, e “O analfabetismo é filho da miséria”. Estes textos fazem parte da coleção de manuscritos de Camillo de Jesus Lima, compilados no seu arquivo pessoal, também publicados no jornal *O Combate*.

Um dos critérios de escolha dessas crônicas entre as demais contidas no arquivo se deve ao acesso às suas publicações no referido jornal. Embora a fonte primeira tenha sido o arquivo pessoal do escritor, a consulta aos arquivos do periódico foi de extrema relevância para comprovação do que indicava o autor nos manuscritos, assim como para a comparação dos escritos, seleção dos textos e, finalmente, a composição do *corpus*.

Outro critério para a escolha das crônicas foi a observação de aspectos históricos que atravessam os textos, uma vez que ele escreveu sobre vários assuntos e por meio de diferentes tipologias textuais. Destacamos, pois, nesses textos, a forma como este escritor baiano anuncia a história de seu tempo, a partir do arquivamento de si.

A intenção do escritor ao publicar as suas crônicas não é a de um historiador ou crítico político, que se debruçaria sobre os temas, acercando-se de teorias específicas para explicar e fundamentar os acontecimentos, analisando-os como especialistas. Camillo coloca-se como um leitor crítico e anuncia episódios da história em suas crônicas, como fragmentos da totalidade para fazer refletir, posicionando-se sempre como um intelectual da classe trabalhadora, autodidata e com um nível de conhecimento universal, adquirido a partir de sua *práxis* social.

A opção pela crônica, que tem como característica a síntese fotográfica do instante, condensa em anúncios alguns fatos e acontecimentos históricos. Essa foi a forma discursiva que Camillo encontrou como alternativa para movimentar opiniões, provocar novas criações, fazer refletir criticamente sobre o homem e a sociedade de seu tempo e lugar. Através de abordagens mais sintéticas, certamente atingiria um maior número de leitores.

A atuação de Camillo de Jesus Lima como um cronista de perfil crítico demonstra sua reação à realidade à sua volta, aliados a isso os princípios marxistas que passaram a nortear sua *práxis*. Seguramente, esse movimento entre teoria e prática ajudou na compreensão de alguns acontecimentos do período, explorados com o objetivo de prestar esclarecimento acerca da história ou de faces dela, um compromisso assumido consigo mesmo e com seus leitores.

O primeiro texto dessa série, “Este lugar me convém”, traz o conceito de lugar não apenas como espaço físico, mas como representação de um tempo histórico caracterizado por concepções de mundo; lugar de onde o escritor lança a sua voz, como reverberação do seu olhar sobre a humanidade, no intuito de contribuir, de alguma forma, com a conscientização dos homens ante uma realidade posta; uma realidade que não poderia passar despercebida àqueles que visam uma humanidade menos injusta, ou mesmo, igualitária. Camillo de Jesus Lima assume a posição de quem luta e se coloca ao lado daqueles que veem a vida como ela é, como afirma no seguinte destaque:

Mas a minha geração é uma geração diferente. Não cata flores anacrônicas. Não engarrafa nuvens. Nem vê num rabo de saia uma asa de anjo. Vê a vida como ela é. O que caracteriza a minha geração é não ter medo de escandalizar a burguesia puritana. Escandaliza. [...] Minha geração está pintando a vida para melhorar a vida. E eu estou bem, respirando o mesmo ar que respiram José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Dalcídio Jurandir, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo, Emil Fahrat, Amando Fontes, Oswald de Andrade, Abgar Bastos, Gilberto Freire, Anísio Teixeira, Edson Carneiro, Alves Ribeiro, Rossini Camargo Guarnieri, Sossígenes Costa, Aydano de Couto Ferraz e esse imenso, esse querido Jorge Amado (LIMA, 1944a, pp.1;2).

Acima de qualquer opção estava aquela que liga a palavra à vida, o verbo à carne, a metáfora à realidade, pois Camillo de Jesus Lima sempre teve como base fundamental de suas crônicas, vivências e experiências que aproximam a humanidade de suas lutas e de suas utopias.

Para falar dessa consciência política, em que teoria e prática não se dissociam, recorreremos, mais uma vez, à elaboração de Eric Hobsbawm (2003, p. 246) sobre o intelectual revolucionário, trazendo para discussão um pensamento de Marx sobre o ser de consciência: “Naturalmente é possível afirmar que os intelectuais não podem ser revolucionários sem esta consciência subjetiva, enquanto que isto é possível em relação a outras camadas sociais.” E justifica, com as palavras do próprio Marx, o porquê de considerar as atividades dos intelectuais como revolucionárias a partir do momento em que eles constroem, subjetivamente, esse caminho de volta, ou seja, homens capazes de reconstruir a realidade e que tenham domínio histórico dela:

Quando Marx falou dos operários como classe revolucionária, não quis dizer simplesmente que se rebelavam “contra as condições individuais de uma sociedade existente até o momento”, mas “contra a própria ‘produção de vida’ existente até agora e o ‘conjunto das atividades’ sobre a qual ela está baseada”. [...] Para ele, o proletariado era uma classe com tais características devido à natureza de sua existência social e não em razão da “consciência de seus fins”. (HOBSBAWM, 2003, p. 246).

Assim, o sentido de consciência pode e deve ser ligado a uma prática. Na mesma medida em que os intelectuais empresariais servem às suas organizações, como apontou Gramsci (1972), os intelectuais independentes, artistas, educadores, trabalhadores, literatos exercem a sua função no organismo cultural e social da sociedade, fazendo da sua produção crítica uma forma de conscientização pela prática.

Em “Conversa alegre para os amigos”, misturam-se os sentimentos do homem histórico com o do escritor, justificando, assim, a imbricação entre ambos. Nesta crônica, o autor faz referência ao momento em que a tropa de Hitler sofreu as últimas baixas e foi dominada, de um lado, pelos Estados Unidos e, do outro, pela URSS. Ele descreve a alegria de quem acompanhava cada momento da guerra e esperava por este resultado a qualquer momento:

Ah! Meus amigos! Estou que não me contenho, porque o rádio está dizendo que o nazismo está perdendo. Que ele está como um charuto, entre os rapazes americanos e o Exército Vermelho. [...] Perdi até aquele jeito valente que eu tinha, quando escrevia aqueles poemas de guerra, falando em sangue, em petardos e nas angústias do Papa que cruzava as mãos nervosas ante os brutos estrupícios das bombas de oito mil quilos que caíam, como umbus, dos aviões, sobre Roma. (LIMA, 1944b, p. 1).

O discurso dirigido aos amigos/leitores do jornal tem um tom íntimo de conversa, como o próprio título já indica. Quase um diálogo em que o seu emissor, excitado com a notícia, disparou a contá-la aos seus receptores, narrando a história de forma simples, em uma linguagem corriqueira e provocativa:

Cadê o orgulho de Hitler? Cadê a pose do monstro? Onde é que andam os super-homens que iam mandar no mundo? [...] Cadê a terra dos arianos onde um soldado estrangeiro nunca havia de pisar? Terra virgem, uma conversa! Terra pisada; deflorada; tomada, – o encanto quebrado, – a boca de Hitler calada. (LIMA, 1944b, p. 1).

Evoca, então, um poema de Vinícius de Moraes, dando sequência aos seus questionamentos, levando a uma reflexiva provocação: “O que será de todos nós depois da guerra!” Retoma a sua prosa indicando algumas possibilidades. Faz uma convocação a todos os homens da terra, mas é claro, sem a ilusão de paraíso algum. Por isso, em meio ao seu discurso, solta sempre um lance de ironia, de crítica ao sistema burguês/capitalista:

Farra, farra, numa farra. Felicidade. Tudo em paz. Hitler preso. Mussolini, à meia-noite, nas casas mal-assombradas, fazendo visagens. [...] E todos nós, amigos meus – russos, tchecos, americanos, brasileiros, ingleses, gregos, chineses, pretos, brancos, curibocas, pardos, *'mestiços corruptos'*, operários, camponeses (gente, cadê os burgueses? Cadê os capitalistas?), todos nós vivendo a vida, fazendo de novo a vida, nas mais belas das conquistas: – a do Direito, da Igualdade, a do Trabalho, a do Pão. Não só nos campos da Flandres: nos campos da terra toda hão de brotar as sementes da Liberdade e da Paz! (LIMA, 1944b, p. 1).

Essa alegria que descreve na citação acima alimentou uma esperança passageira. A conquista do trabalho, do pão, do direito ficou apenas no desejo daqueles que conheciam a realidade e reconheciam a necessidade de mudanças. O domínio estadunidense e a ditadura stalinista logo mostraram as suas verdadeiras faces, jogando por terra o conceito de liberdade e de paz tão almejados.

Os temas abordados por Camillo naquele momento ainda soam tão atuais, que nos parece estar o escritor vivendo os dias de hoje. Sem nenhuma pretensão teleológica, ele expôs sua compreensão dos fatos, avaliando criticamente o momento histórico em que o Brasil se encontrava, inserindo-o no contexto mundial. Abordou temas como a fome, a escravidão, o capital industrial, sem se prender às especificidades de cada um, mas relacionando-os de forma mais geral. Deixou, nas entrelinhas de seus textos, seu posicionamento crítico sobre questões econômicas, políticas e sociais, e a forma como elas estavam sendo conduzidas no Brasil. Restringia-se, no entanto, à exposição dos acontecimentos, e mesmo descontente, jamais quis se tornar um cético diante da vida. Pelo contrário, mostrou, por convicção, que o

mundo poderia ser melhor, se tomasse como princípio a luta por uma sociedade mais igualitária.

A personificação e a linguagem conotativa, utilizada na crônica “Os empreiteiros da fome”, tornam um assunto terrível como a fome, mais próximo de todos, mesmo dos que dela estão distantes, talvez os leitores que desejava atingir. E, como é próprio dos que fazem da palavra um instrumento de expressão para tocar a sensibilidade humana, Camillo de Jesus Lima não se isentou desse caráter, inserindo os elementos da realidade que assola parte do país:

Agora há lugares em que ninguém distingue a mata da caatinga. Há extensões enormes de terrenos calcinados, esturricados, devastados, abertos ao castigo inclemente do sol. [...] É por isso que já por aqui anda também, disputando os meninos que caem, à falta de um punhado de farinha ou fazendo sentinelas nas rancharias, onde velhos esticam a canela, com a barriga pegada no espinhaço, a tocadeira de harpa nas costelas dos desprotegidos – essa velha de cara engelhada e de nariz de adunco coruja – A Fome. (LIMA, 1947a, p.1).

Neste texto, o escritor desconsiderou a ideia de que a seca ou a falta de chuvas seja um castigo advindo do além, para castigar esses e aqueles. Em sua crônica reconstrói, objetivamente, a história, tomando a realidade física como referência. Faz, então, seu leitor pensar na interferência do homem diante da natureza, afinal, desde os primórdios, o homem transforma-se ao transformar a natureza e sofre as consequências – bônus ou danos – conforme o processo de intervenção. No caso específico, responsabilizou os “empreiteiros da fome” pelas mudanças sofridas:

Quem não viu ainda a estupidez das queimadas que perduram dias, semanas, meses a fio [...]. O fogo talou tudo. Destruiu tudo. [...] As árvores já não captam mais as águas do céu porque jazem no chão esturricado. [...] A terra é uma esteira de cinzas e restos. E, por esteira vem chegando aos pulinhos, cuspinhando entre risos sinistros e contrações na face engelhada, a Fome [...]. Ainda outro dia um fazendeiro me disse que ninguém sabe de onde vem o fogo: 'Às vezes um transeunte joga, ainda aceso, no chão, o fósforo com que acendeu o pito, às vezes o resto do pito'. Nada mais é preciso para que se abra a estrada longa por onde vai chegar a Fome. Por que não chamar

a esses – perversos e ignorantes – de empreiteiros da fome? (LIMA, 1947a, p. 2).

Embora o Nordeste brasileiro tenha tido grandes secas em períodos anteriores a 1947, este momento teve destaque no texto do cronista como um sinal de alerta aos dias futuros, como uma parada para reflexão, ao reconhecer a necessidade de reação às ações desmedidas. As intervenções negativas de exploração e o processo de transformação da natureza sempre foi responsabilidade direta dos homens, o que pode levar (e levam) os mais necessitados à desgraçada das gentes, à morte, chegada pela via da fome.

A partir do entendimento histórico do contexto em que viveu, produziu e, principalmente, de onde levantou a sua voz, Camillo de Jesus Lima atuou como um intelectual de esquerda, em especial, na década de 1940 do século XX, ainda mais, como um revolucionário, tomando-se aqui, de empréstimo, o conceito aplicado por Hobsbawm (2003, p. 246): “Aqueles que rejeitam qualquer compromisso com o *status quo*, qualquer atividade não destinada direta e exclusivamente a opor-se frontalmente ao capitalismo, são certamente revolucionários no sentido mais literal do termo”.

Concordar com a afirmação do escritor que se diz um intelectual de esquerda não é muito difícil, uma vez que os seus textos literários e seu posicionamento crítico diante dos fatos atestam sua declaração. Outro exemplo desse lugar de onde fala o escritor está na crônica “O capital industrial e a abolição da escravidão”, de 24 de maio de 1947. O escritor trata da questão de forma crítica, entendendo a libertação dos escravos como uma armação política internacional, uma articulação comercial mascarada por uma pseudoliberalidade. Nesta crônica, o autor faz uma revisão da condição histórica da abolição, acontecimento comemorado como uma realização em prol da libertação da mão de obra escrava. Luta digna pelo caráter social e humanitário. Entretanto, sem desmerecer a importância histórica do evento no contexto da sociedade brasileira, o escritor da crônica tende a analisar o conjunto dos fatos, sugerindo uma visão crítica, coisa que poucos fizeram. Historiadores, jornalistas e, principalmente, os poetas, estiveram voltados ao sentimento romântico da abolição, sentido tão bravamente visitado por Castro Alves, seu maior representante na poesia. Obvio que a escravidão foi um crime que feriu os direitos do homem. Mas a tese que Camillo de Jesus Lima levantou no texto citado acima, fundamentada em questões muito mais de ordem econômica que social, esclarecia uma face da história que seus leitores talvez desconhecassem. Por isso ele busca esclarecer:

Não é preciso ser sociólogo para saber que o sistema escravagista produziu essa classe desprotegida, que representa, hoje, o nosso pauperismo e a nossa indolência remanescente da massa de escravos, abandonados com a alforria, ao léu da sorte, ignorantes e desprotegidos (LIMA, 1947b, p. 1).

Sua constatação tem um aporte teórico-político que poucos intelectuais autodidatas possuíam, fundamentada à luz do marxismo:

Interpretada à luz de fatos concretos, a abolição da escravatura foi movida por forças de natureza puramente econômica. Naquela época os latifundiários senhores de escravos dominavam economicamente (e, por isso mesmo, politicamente) o Brasil; a industrialização existente era deficiente, quase nula, incapaz de dar causa ao aparecimento da burguesia e proletariado industriais, que pudessem exercer na vida brasileira qualquer influência política (LIMA, 1947b, p. 2).

A exposição do assunto “abolição da escravatura no Brasil” ou “libertação dos escravos brasileiros” elaborada sob o olhar de um literato, podia parecer aos seus leitores/receptores, apenas mais uma das muitas crônicas que Camillo de Jesus Lima tecia para *O Combate*, chamando a atenção, logo nas primeiras páginas. Mas, na verdade, havia uma ação subliminar que não se podia omitir: ao mesmo tempo em que informava, o autor formava opiniões, provocava a reflexão e a crítica. Nessa crônica do dia 24 de maio de 1947, seus argumentos são claros:

Os grandes países industriais da época lutavam entre si pela conquista de mercados. O Brasil, cujo modo de produção era determinado pelo trabalho escravo, não podia ser, por isso mesmo, um mercado consumidor à altura da produção industrial que as grandes potências destinavam à exportação. Entre as demais potências, a Inglaterra compreendeu primeiro que só a libertação dos escravos daria ao Brasil novos consumidores, transformando-o, assim, no mercado de que necessitava. Quando os escravos libertos passassem à categoria de assalariados, adquiririam poder aquisitivo advindo dos salários que lhes seriam pagos: era preciso, pois, que os homens saíssem da escravidão e se tornassem proletários (LIMA, 1947b, p.2).

Era da classe proletária que a burguesia precisava no Brasil, para dar continuidade ao projeto de desenvolvimento industrial, intensificando o problema da exploração do homem pelo homem, que, segundo Sérgio Lessa, se Marx, Engels, Lenin, Lukács, Mészáros estiverem certos, e ele acha que estão, “o problema da exploração do homem pelo homem não está no valor dos salários, mas na própria existência de salários” (LESSA e TONET, 2012, p.30).

Parece-nos que a análise desenvolvida pelo cronista acerca da abolição da escravatura no Brasil possui coerência histórica e consciência crítica dos fatos. Se na crônica “O capital industrial e a abolição da escravidão” Camillo de Jesus Lima apresentou aos seus leitores noções de como o Brasil se inseriu na totalidade econômica mundial, atendendo aos ditames do capital, em outros textos ele buscou elucidar as condições em que a classe trabalhadora desenvolveu o seu papel, acabando sempre explorada pela burguesia.

A linha crítica – ou “de esquerda” – desenvolvida por Camillo de Jesus Lima continua no texto “O analfabetismo é filho da miséria”, publicado em 21 de junho de 1947. Se há os que consideram uma campanha em prol da alfabetização de adultos um benefício social, ensaiando ser uma alternativa no atendimento às necessidades diretas do homem, ou ainda uma forma de ajudá-lo a encontrar soluções para suas carências, pode encontrar nessa crônica uma visão inversa: não é o analfabetismo que gera a pobreza, mas é esta que gera o analfabetismo, ou como dissera o autor no texto citado: “não creio seja o analfabetismo a causa do atraso em que vive o nosso país. Tenho-o, porém, como um efeito desse atraso.” Toda a ordem de coisas começa, portanto, na questão econômica, como demonstra a seguir:

O grande autor que torna tão vultoso o coeficiente de analfabetos que nos envergonha é a miséria a que nos condenaram condições econômicas precárias que não poderão ser solucionadas enquanto as classes que com elas se beneficiam puderem mantê-las e conservá-las – essa miséria que vem da colonização defeituosa que tivemos – latifundiária e escravagista. (LIMA, 1947c, p. 1).

Quem acompanhava as crônicas de Camillo de Jesus Lima no semanário conquistense podia compreender o delineamento dos fatos, relacionando-os uns aos outros e ao contexto histórico e político, uma vez que sua opção metodológica era clara: reconhecia a totalidade em que os fatos eram questionados; partia sempre do geral para compreender as particularidades e depois fazia o caminho inverso; articulava os fatos entre si e com o todo. As

teses levantadas nas crônicas possuem intrínseca relação com a história: a miséria gera o analfabetismo; a fome chega via escravidão; a exploração do homem pelo homem sustenta uma classe dominante na sociedade capitalista, etc. Mas o autor não deixou de apontar também possibilidades a partir de suas convicções, de sua concepção de mundo, como por exemplo:

Somente lutando por medidas progressistas de caráter econômico; pela elevação do nível da vida do povo; pela extinção dos restos feudais que persistem na exploração da terra, poderemos chegar à extinção total do analfabetismo no Brasil (LIMA, 1947c, p. 2).

Ao que nos parece, os destaques colocados por Camillo – ao tratar de questões de ordem cultural, social, política e econômica – analisadas de forma indissociável, tendo como base o contexto histórico, como dínamo a linguagem, como utopia a possibilidade de um mundo mais justo, alimentam, também, esperanças: de que haja um tempo sem escravo e sem senhor, sem explorados e sem exploradores, sem empregado e sem patrão. Este pensamento camilliano pode ser analisado concretamente se a referência ilustrativa for uma sociedade sem classes, comunista, o que não parece tão utópico a alguns adeptos do comunismo/socialismo, reforçando a ideia do “proletariado como sujeito revolucionário”:

A emancipação do proletariado é também a emancipação de toda a humanidade. O interesse particular do proletariado, seu projeto histórico coincide com a superação de toda ordem social baseada na exploração do homem pelo homem, mediada pelas classes sociais, pelo Estado e pela família monogâmica. Por isso o proletariado é a classe revolucionária por excelência. Pela mesma razão, o projeto revolucionário possível, hoje, é a revolução proletária (LESSA e TONET, 2012, p. 61).

As memórias históricas abordadas por Camillo de Jesus Lima foram e continuam sendo um alerta à sociedade brasileira. Ele as arquivou em seu espólio pessoal como uma forma de resistência às intempéries de um tempo histórico. Se pôde contribuir com a comunidade com a qual compartilhava seus posicionamentos críticos, publicando suas crônicas no jornal *O Combate*, de Vitória da Conquista, na década de 1940 do século XX, atualmente, na segunda década do século XXI, seu canto ainda reverbera altivo e atual. Grita

de dentro do arquivo um apelo à liberdade, ao pão, ao trabalho, à justiça, à igualdade. É um eco de resistência, combatente, pronto para a luta.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. (Obras Escolhidas, v. I). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GRAMSCI, Antônio. *A formação do Intelectuais*. Tradução Serafim Ferreira, Coleção 70, Venda Nova – Amadora/Portugal: M. Rodrigues Xavier/ Ed. Grijalbo, 1972.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita, revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Revolucionários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LESSA, Sérgio e TONET, Ivo. *Proletariado e Sujeito Revolucionário*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- LIMA, Camillo de Jesus. Este lugar me convém. *O Combate*, 7 de Agosto de 1944a.
- _____. Conversa alegre para os amigos. *O Combate*, 21 de Setembro de 1944b.
- _____. Camillo de Jesus Lima: depoimento [Novembro, 1945] *Cooperação*. Itabuna/BA, 1945. Entrevista concedida a José Leite.
- _____. Os empreiteiros da fome. *O Combate*, 7 de Março de 1947a.
- _____. O capital industrial e a abolição da escravidão. *O Combate*, 24 de Maio de 1947b.
- _____. O analfabetismo é filho da miséria. *O Combate*, 21 de junho de 1947c.
- _____. Vinte anos de O Combate. *O Combate*, Vitória da Conquista/Bahia, 1949.
- _____. *Cantigas da tarde nevoenta*. Salvador: S.A. Gráficas da Bahia, 1955.
- MARX, Karl. *O Capital*. 3ª ed. Livro I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Sobre os autores

Esmeralda Guimarães Meira. Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB); mestra em Estudo de Linguagens pela UNEB; graduada em Letras Vernáculas, com especialização em literatura brasileira (UESB). Atualmente é professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia, com experiência na área de Letras, ênfase em Literatura Baiana, Literatura Brasileira e Estágio Supervisionado. Atua como pesquisadora no Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL) e líder do Grupo de

Pesquisa Cultura e Literatura Baiana (GPCLB). Endereço Eletrônico: esmelmeira@yahoo.com.br

José Rubens Mascarenhas de Almeida. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Pós-doutor pela Universidad Nacional Autónoma de México; Docente do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista – BA/Brasil. Pesquisador do Museu Pedagógico/UESB e do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais – PUCSP. Coordena o Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes (GEILC/MP/UESB). Endereço Eletrônico: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br